O envelhecido Senado

O presidente do Senado, senador Antônio Carlos Magalhães, celebra os êxitos da operação de limpeza e moralização em curso na Casa, mas reconhece as crescentes dificuldades para enfrentar as etapas seguintes e que esbarram na estabilidade dos servidores e na resistência do corporativismo.

E, se muito foi conseguido, falta outro tanto por fazer. O Senado está passando por uma faxina em regra, que se sobressai no contraste com a pasmaceira da Câmara. Desde medidas de ordem interna, para os acertos domésticos da administração viciada pela tolerância política e acumpliciada com as distorções patrocinadas pelos senadores, ao empenho para assegurar quórum para as votações de matérias importantes, muitas com ampla repercussão, como a derrubada da reforma especial para os militares, da aposentadoria integral para a magistratura e o fim do escandaloso privilégio da aposentadoria dos parlamentares.

Resmungos e queixas de minoria foram abafados pelo apoio da maioria, sensibilizada pela recuperação da imagem do Senado, que andava mesmo precisando ser passada a limpo.

Na mesma linha reformista, ACM programa outras iniciativas. Examina como facilitar o trabalho dos que levam a sério o mandato, nem sempre convenientemente conhecido da sociedade, inclusive dos setores interessados pelas atividades do Legislativo. Não é fácil superar a má vontade e a descrença profundamente arraigadas em anos de desgaste, sem cair nos extremos da divulgação dirigida e paga, com os desperdícios de costume.

A praga do empreguismo que se alastrou pelo Legislativo, com o mesmo desembaraço que invadiu os outros poderes, atingiu proporções espantosas no Senado, como no famoso e imbatível *trem da alegria* das 1.500 nomeações para a gráfica, patrocinadas pelo senador Moacir Dallas, no exercício de inesquecível presidência. Não é o único exemplo. Sem o mesmo alarde, mas com igual apetite, o Centro de Informática e Processamento de Dados do Senado Federal - Prodasem - empatou com a gráfica e alcançou o teto de cerca de 600 servidores. Ambos, gráfica e Prodasem, funcionariam melhor com metade do pessoal que sobra, na gordura que não engraxa, embaraça o serviço.

Servidores em excesso é velho cacoete da Casa. Se possível, o presidente reduziria à metade, talvez a um terço, agilizando a burocracia que encaroça com o gigantismo do quadro de pessoal. Mas não dá. Com realismo, tenta-se parar por aí. O que nem sempre é possível. Ainda recentemente, a mesa diretora aprovou a generosa majoração da verba para a contratação de funcionários para os gabinetes privativos de suas excelências. Não satisfeitos com mais dois para cada um dos 81 gabinetes entupidos à superlotação, alguns senadores desdobraram a dotação e contrataram o dobro, o triplo, o quádruplo. Com metade, daria para o gasto. Em muitos casos, o Senado lucraria com o fechamento de gabinetes inúteis.

Entraves são previsíveis em operações que contrariam interesses e atacam os redutos dos privilégios que se protegem como direitos adquiridos.

O debate que necessita ser aprofundado propõe o desafio da avaliação crítica da atividade parlamentar, analisada no amplo painel da sua urgente atualização para atender às expectativas e cobranças da sociedade. Se os erros são visíveis, não há consenso sobre as soluções. Projetos de inspiração claramente demagógica, sem a menor viabilidade, que não pretendem mais do que atender à clientela eleitoral, alguns descambando para o ridículo e, sem passar por qualquer crivo seletivo, entopem as comissões, inflam a pauta para nada.

O Senado precisa encontrar coisas mais sérias em que se ocupar.